



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento de Ambiente, Saúde e Segurança

Curso de Licenciatura em Geografia

MARLLA FABIOLA ARAÚJO

**O DESENHO DO LUGAR: UM ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS DO 2º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DO RECIFE  
MANOEL ROLIM.**

Recife

2020

MARLLA FABIOLA ARAUJO

**O DESENHO DO LUGAR: UM ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS DO 2º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DO RECIFE  
MANOEL ROLIM.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Geografia do Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia de  
Pernambuco – Campus Recife, como  
requisito para obtenção do título de  
Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Nielson da Silva  
Bezerra

Recife

2020

A663d Araujo, Marlla Fabiola.

2020 O Desenho do Lugar: um Estudo de Caso com Crianças do 2ºano do Ensino Fundamental da Escola Pública Municipal do Recife Manoel Rolim / Marlla Fabiola Araujo. – Recife: O Autor, 2020.

47 f.: il

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança - DASS, 2020.

Inclui Referências

Orientador: Prof. Me. Nielson da Silva Bezerra

1. Geografia da Infância. 2. Teoria Histórico-cultural. 3. Lugar pelo olhar infantil. I. Bezerra, Nielson da Silva (orientador). II. Instituto Federal de Pernambuco. III. Título.

CDD 910.7

**Catálogo na fonte:** Bibliotecário Cristian do Nascimento Botelho CRB4/1866

**O DESENHO DO LUGAR: UM ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS DO 2º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DO RECIFE  
MANOEL ROLIM.**

Trabalho aprovado. Recife, 29 de dezembro de 2020.

---

PROF. Ms. NIELSON DA SILVA BEZERRA  
Professor Orientador

---

PROF<sup>a</sup>. Ms. ANA ALICE FERREIRA AGOSTINHO  
Avaliadora Externa

---

PROF<sup>a</sup>. Dra. LÚCIA FERREIRA LIRBÓRIO  
Avaliadora Interna

Recife

2020

Dedico este trabalho, a todas as crianças  
do mundo, em especial as crianças  
da escola Manoel Rolim, da  
escola Miguel Arraes de Alencar e  
A criança guia da minha vida,  
Marina Araújo.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aquele que sempre me protegeu e amou antes mesmo de estar no ventre da minha mãe, meu mestre, meu Pai, Deus.

A toda minha ancestralidade negra, todos que vieram antes, que desbravaram espaços, que foram retirados do seu lugar a força e foram escravizados, que tiveram suas vidas pautadas apenas em servir, que promoveram revoluções, que lutaram por dias melhores para o nosso povo. Evoco o nome de Marielle Franco, Presente!

As mulheres que conseguiram ultrapassar o pensamento da sociedade patriarcal, infelizmente tão presente em nossa sociedade. Aquelas que lutam por dias melhores e incentivam a outras mulheres a autonomia, a todas aquelas que não se curvaram a uma vida de servidão a um homem. Severina Maria e Maria Inácia!

À família que escolhi para essa caminhada de aprendizado, minha Mãe Maria de Fatima, meu Pai Mariano da Silva e minha irmã Thyalle Araújo. Eles foram fundamentais e essenciais para minha formação humana.

A todos os amigos que conquistei por onde passei, todos aqueles que encostei minha história, que compartilhei sonhos, risadas e dificuldades. Especialmente a Adriana Cassiano e Renata Cardoso, valeu meninas!

À Família que construí meu companheiro das lutas diárias, amor da minha vida, Fábio Marinho, a nossa filha Marina por nos ter escolhido como pais, por colorir nossas vidas, por dá uma ressignificação às nossas vidas e ao nosso amor.

Aos amigos do IFPE que me alimentaram com a energia necessária para o enfrentamento das dificuldades diárias, a Turma de 2016 marcou minha existência, uma turma jovem e com muita sede de conhecimento. Aos mais próximos, Deivid Roque, Isabelly Vitoria, Rebeka Guedes, Diogo Silva, os levo para minha vida.

Antônio Henrique, um encontro de Almas, de sintonia, de amor. Amigo que resgatou minha leveza no momento que estava tão pesada, que arrancava meu sorriso até nos momentos que não queria rir, que encurtava as 3 (três) horas de viagem no Rio Doce CDU, com nossas conversas e nosso jeitinho de ver a vida. Que me acompanhava em tudo dentro e fora do IFPE e que sempre estava a segurar minha mão. Aquele que estava comigo no fatídico encontro do Lecgeo.

Ao meu Orientador Nielson Bezerra por todas as orientações acadêmica e da vida, o professor mais calmo e humano em linha reta da américa do sul. Um professor tão sensível a causas urgentes das minorias, que acolhe todos seus alunos sempre com

afetividade e cuidado. No chão da aula a abordagem escolhida pelo Professor é sempre a anti-opressiva e não autoritária promovendo uma pedagogia dialógica e respeitosa. Suas orientações, assim como nas suas aulas, a música e a poesia caminham juntas para deixar o ambiente leve e reflexivo. Só tenho a agradecer e como sua discípula levar todos seus ensinamentos para minha pratica docente e para minha vida.

Aos Professores do curso de licenciatura em Geografia do IFPE que além de conhecimentos científicos ensinaram valores éticos, de cidadania e a busca incessante do pensamento crítico e reflexivo para as causas sociais. Que nossa formação docente necessita de uma pratica acima de tudo social. Fernanda Guarany, Clezia Braga, Enildo Gouveia, Mario Melo, João Henrique, Heloisa, Adauto Gomes, Manuela Vieira, Marcelo Miranda, Maciel Carneiro, Wedmo Rosa, Nielson Bezerra, Ana Paula Torres e Lúcia Lirbório.

A toda comunidade escolar da escola Manoel Rolim, a gestão por permitir o estudo, a todas as crianças do segundo ano do ensino fundamental, a suas famílias por consentir a participação deles. A Professora Cintia de Oliveira Bezerra por todo carinho, acolhimento, cuidado e ajuda que foram essenciais e fundamentais para a construção da pesquisa. Sua prática docente é inspirada na pedagogia freiriana e levarei para minha prática o seu exemplo.

As Crianças da Escola Miguel Arraes de Alencar que convivi por dois anos, especialmente do quarto ano do ensino Fundamental, a professora Shenian por dividir comigo o chão da sala de aula e por todo os ensinamentos. A gestão da escola por permiti a execução do projeto de extensão. A Alice Silva por integrar comigo o projeto. Por fim agradeço ao Universo por permitir viver mais essa experiência nesta caminhada, a todos que conheci nesta jornada de pouco mais de quatro anos, a todos encontros que o curso proporcionou, as paisagens geográficas que conheci, estou saindo certamente uma pessoa bem melhor do que entrei no IFPE.

*“A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes, recolhe em si as vozes  
mudas e caladas, engasgadas nas nossas gargantas”  
(Conceição Evaristo).*



## RESUMO

Nosso estudo busca reconhecer a linguagem e memória espacial das crianças, a partir das seguintes indagações: sendo as crianças seres sociais, como elas vivem sua geografia? Qual a importância do olhar infantil para a categoria de análise “lugar” na Geografia? Nossa referência metodológica é a pesquisa qualitativa, apoiado na técnica de estudo de caso das crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola parceira. Utilizamos a aplicação de questionários semiestruturados com a professora da turma e com gestora da escola. Para entender o olhar geográfico das crianças analisamos os desenhos dos lugares que as crianças mais gostam em seu bairro. Os desenhos retratam a maneira que as crianças sentem e vivem a paisagem e o espaço no seu contexto social utilizando a sua imaginação e sua percepção do lugar. A pobreza e todas suas mazelas não podem impedir o vim a ser infantil, apenas torna-lo mais dramático. Compreendemos que as crianças do 2º ano do ensino fundamental do Manoel Rolim enfrentam a pobreza, a especulação imobiliária, a falta de estruturas básicas em sua escola e a total falta de prioridade de políticas públicas que as respeitem em sua dimensão infantil e cidadã, sendo e vivenciando a sua própria infância. As crianças, são históricos–culturais como defendia Vygotsky, e são ao mesmo tempo, seres geográficos em numa dialética com o lugar. As crianças por elas mesmas são crianças no desenho, na brincadeira, no aprender e no ensinar. São crianças que se apropriam do espaço, que buscam territorializar esses espaços com suas brincadeiras, com sua ocupação, com seu uso. São crianças que sentem o espaço, que necessitam destes espaços e que atribui significados a esses espaços, transformando-os em lugar.

Palavras-chave: Geografia da Infância. Teoria Histórico-cultural. Lugar pelo olhar infantil

## **ABSTRACT**

Our study seeks to recognize the language and spatial memory of children, from the following questions: children being social beings, how do they live their geography? What is the importance of looking at children for the analysis category “place” in Geography? Our methodological reference is qualitative research, supported by the case study technique of children in the 2nd year of elementary school at the partner school. We used the application of semi-structured questionnaires with the class teacher and school manager. To understand the geographic look of children we analyze the drawings of the places that children like most in their neighborhood. The drawings portray the way children feel and live the landscape and space in their social context using their imagination and their perception of the place. Poverty and all its ailments cannot prevent a child from becoming, it only makes it more dramatic. We understand that children in the 2nd year of elementary school at Manoel Rolim face poverty, real estate speculation, the lack of basic structures in their school and the total lack of priority of public policies that respect them in their child and citizen dimension, being and experiencing their own childhood. Children are historical and cultural, as Vygotsky defended, and are, at the same time, geographical beings in a dialectic with the place. Children themselves are children in drawing, playing, learning and teaching. They are children who appropriate the space, who seek to territorialize these spaces with their games, with their occupation, with their use. They are children who feel the space, who need these spaces and who assign meanings to these spaces, transforming them into places.

Keywords: Childhood Geography. Historical-cultural theory. Place by the childish look.

## LISTA DE TABELAS/ FIGURAS/ GRÁFICOS

Figura 1. Mapa de Localização .....	24
Figura 2. Sede Escola Manoel Rolim.....	23
Figura 3. Sede Escola Municipal Manoel Rolim .....	25
Figura 4. Mapa dos Bairros do Recife. ....	28
Figura 5: Desenho da Praça de Jardim São Paulo. Produzido por Maryanna. ....	31
Figura 6: Praça de Jardim São Paulo. Fonte: Google Mapas, 2020. ..	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 7: Desenho da Igreja Assembleia de Azulão. Desenho feito por Dayvison...	33
Figura 8: Imagem da Igreja Assembleia de Deus. Fonte : Google Mapa, 2020. ....	33
Figura 9: Desenho da Rua Brejolândia. Produzido por Samuel. ....	34
Figura 10: Rua Brejolândia. Fonte: Google Mapas, 2020. ....	34
Figura 11: Desenho do Supermercado Floresta. Produzido por Gabriel.....	36
Figura 12: Supermercado Floresta. Fonte Google Mapas, 2020.....	36
Figura 13: Desenho da Praça de Jardim São Paulo feito por Isa.....	38
Figura 14: Praça de Jardim São Paulo. Fonte Google Mapas, 2020. ....	38
Figura 15: Desenho da rua Manoel Inácio. Produzido por Matheus.....	40
Figura 16: Imagem da Rua Manoel Inácio. Fonte: Google Mapas, 2020. ....	40
Figura 17: Desenho da Rua Pajussara feito por Bruna Letícia.....	41
Figura 18: Rua Pajussara. Fonte: Google Mapas 2020. ....	41

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EJA – Educação de Jovens e Adultos  
IFPE – Instituto Federal de Pernambuco  
RPA – Região Político Administrativo  
ZEIS – Zonas Especiais de Interesses Social

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2. A CATEGORIA LUGAR PELO OLHAR DA CRIANÇA</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Geografia Humanista: O espaço só existe a partir do humano</b>	<b>17</b>
<i>2.1.1 Geografia da infância: o humano precisa entender seu começo</i>	<i>19</i>
<b>2.2 As crianças são também seres histórico-cultural</b>	<b>20</b>
<i>2.2.1 Os desenhos são formas legítimas de entender o lugar</i>	<i>22</i>
<b>3 AS CRIANÇAS DO 2º ANO DA ESCOLA MANOEL ROLIM: UM OLHAR SÓCIO-ECONÔMICO FEITO POR NÓS, ADULTOS.</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Escola pública municipal do Recife Manoel Rolim.</b>	<b>24</b>
<i>3.1.1 Onde moram as crianças do 2º ano da Manoel Rolim: o social e o político que com elas moram.</i>	<i>26</i>
<b>3.2 A renda familiar das crianças do 2º ano do Manoel Rolim</b>	<b>28</b>
<i>3.2.1 Configuração familiar das crianças do 2º ano do Manoel Rolim</i>	<i>28</i>
<i>3.2.2 O contexto pandêmico, seus rebatimentos no cotidiano escolar e familiar</i>	<i>29</i>
<b>3.3 O perfil socioeconômico das crianças do 2º ano do ensino fundamental</b>	<b>30</b>
<b>4. O DESENHOS DO LUGAR DAS CRIANÇAS DA MANOEL ROLIM: O LUGAR POR ELAS MESMO.</b>	<b>31</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
<b>6 NOTA DE CAMPO</b>	<b>44</b>
<b>7 REFERENCIAS</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou a ser pensada quando iniciamos nossas atividades no projeto de extensão intitulado “A espacialização do letramento e os números do lugar: contribuições da geografia para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental”, que foi sistematizado em Bezerra, Oliveira e Araújo (2019). Durante o desenvolvimento desse projeto firmamos parceria com uma escola pública municipal localizada no município do Paulista / PE. Neste projeto, durante uma aula de campo com a turma do 5º ano do ensino fundamental, na qual saímos da escola e caminhamos até a praia do Janga, em Paulista- PE, um estudante se aproxima e faz o seguinte comentário:

*Quando eu chego aqui sinto que estou em uma casa que moro, mas não é minha.*

Perguntei qual era o motivo da casa não ser dele, e ele respondeu:

*Por que não tem paredes.*

Concordei e seguimos a caminhada. Mas fiquei tentando relacionar a expressão espacial falada pelo aluno, de uma forma tão singular, da sua própria vivência de um elemento do espaço. A partir desse momento começamos a aprofundar nossas leituras para uma Geografia voltada para as crianças.

Neste ano iniciamos o Projeto de Extensão Geografia da Infância: contribuições da Geografia na relação mundo/aprendizado no Ensino Fundamental. Este novo projeto é uma continuação do anterior, e ocorre na mesma escola. Neste projeto estamos totalmente voltados para a Geografia da Infância, e foi a partir deste momento que decidi que meu trabalho de conclusão de curso na licenciatura de Geografia seria fundamentado por esta abordagem de estudo. Minhas leituras na geografia da infância despertaram uma vontade de estudar e contribuir para com os estudos desta área científica, aprofundar a relação entre a geografia vivida pelas crianças e as principais categorias de análise da geografia.

Nosso estudo seria desenvolvido na mesma escola parceria do projeto de extensão, entretanto, após dois meses do início do ano letivo as aulas foram suspensas por medida de segurança devido ao avanço do COVID-19 no Brasil. Foi decretado o distanciamento social e todas as escolas do estado de Pernambuco

fecharam as portas por tempo indeterminado. As escolas municipais de Paulista tiveram suas aulas suspensa em 18 de março de 2020.

Diante desta nova realidade continuamos a aprofundar nossos estudos acerca da Geografia da infância, mas sempre em contato com a professora da escola parceira para saber quais alternativas seriam adotadas pelo gestor público municipal para diminuir o impacto da paralização das aulas presenciais.

Alguns municípios buscaram alternativas para manter o vínculo com os estudantes através do ensino remoto, que mesmo com dificuldades, diante das diferentes realidades sociais em que estão envolvidos os alunos, ao menos tenta dá continuidade ao processo de ensino e aprendizado.

No município do Paulista, no entanto, não houve nenhum tipo de ação de retomada das aulas nem de adoção de nenhuma estratégia de cuidado com os vínculos entre estudantes e escola. É importante frisar que o governo municipal desta cidade se encontra envolvida em uma disputa política-judicial que tem levado a trocas de prefeito, com direito a saída, retorno, e nova saída do mandatário municipal e toda equipe de secretários. O caos político é ainda alimentado pela disputa regular ao executivo e ao legislativo municipal que ocorre neste ano eleitoral. Diante deste cenário foi necessário a troca do campo de pesquisa.

Chegamos assim à escola pública municipal Manoel Rolim, localizada no município do Recife. A escola atende a educação infantil (grupos IV e V) e aos anos iniciais do ensino fundamental (do 1ª ao 5ª ano) e localiza-se no bairro Tejipió, que tem uma distância de 9,95 km do marco zero do Recife, com uma população de 8.918 habitantes<sup>1</sup>, integra a região político administrativa - RPA 5 (cinco) e é uma das zonas especiais de interesse social – ZEIS.

Nosso estudo busca reconhecer a linguagem e memória espacial das crianças, a partir das seguintes indagações: sendo as crianças seres sociais, como elas vivem sua geografia? Qual a importância do olhar infantil para a categoria de análise “lugar” na Geografia?

Nossa referência metodológica é a pesquisa qualitativa, apoiado na técnica de estudo de caso das crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola parceira. Utilizamos a aplicação de questionários semiestruturados com a professora da turma

---

<sup>1</sup> Fonte: CENSO Demográfico, 2010. Resultados do universo: características da população e domicílios. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2020.

e com gestora da escola. Para entender o olhar geográfico das crianças analisamos os desenhos dos lugares que as crianças mais gostam em seu bairro.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi compreender a categoria lugar a partir da elaboração dos desenhos construídos por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim. Para isso foi necessário cumprir os objetivos específicos a seguir: investigar a categoria lugar a partir das contribuições teóricas da Geografia da Infância e da teoria histórico cultural de Vygotsky; caracterizar socioeconomicamente as crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim e analisar os desenhos dos lugares que as crianças mais gostam do seu Bairro.

Para o presente estudo utilizamos a pesquisa qualitativa apoiada no estudo de caso. Essa abordagem metodológica abarca questões de cunho subjetivo e relacional da realidade social, e é tratado por meio da história de um universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais. (MINAYO, 2013).

Nesta mesma linha segue Creswell (2010) “Estudos de caso são uma estratégia de investigação em que o pesquisador explora profundamente um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos. (CRESWELL, 2010, p.38 apud STAKE, 1995)

Já Sandín (2010) acrescenta que para atender aos objetivos do estudo de caso faz-se necessário o uso de diversas metodologias, fazendo do estudo de caso uma espécie de produto final, e não exatamente um método. Além disso “A identificação, seleção, contextualização e justificativa do caso ou casos a abordar constitui, portanto, uma das questões fundamentais no projeto de um estudo de caso. ” (SANDÍN, 2010, p. 183)

Nosso estudo se debruça sobre o caso das crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim, em suas vivências geográficas, a partir de sua linguagem e memória espacial. Como essas crianças enxergam o “lugar” em sua Geografia?

Para nosso estudo utilizamos entrevistas semiestruturadas, com a gestora e a professora da turma foco de nossa pesquisa, além de uma atividade didático-pedagógica que foi enviada para as crianças da turma como uma das atividades da aula. Essa atividade foi enviada para as 12 (doze) crianças que fazem parte desta



turma, retornando para nossa análise 07 (sete) desenhos. As análises, sempre que possível, foram complementadas com entrevistas, via telefone, com as crianças.

A gestora nos ajudou a compreender a dinâmica escolar, conhecer a infraestrutura da escola e traçar o perfil socioeconômico das crianças.

A professora do 2º ano do ensino fundamental nos ajudou a entender a nova “dinâmica da sala de aula”, atingida fortemente pelas mudanças abruptas no processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia de COVID-19, foi ainda nosso elo de ligação com as crianças, nos ajudando a entender as individualidades de cada uma.

A atividade didática-pedagógica que foi enviada para as crianças pedia para que fosse desenhado o seu lugar preferido no bairro. Esses desenhos foram analisados e, em alguns casos, algumas crianças foram entrevistadas sobre os desenhos, momento em que buscamos compreender melhor o olhar infantil.

Dessa forma, a pesquisa decorre de questionamentos acerca da visão e da preferência dos lugares por crianças de 7 a 8 anos de idade de uma escola pública municipal do Recife, com a finalidade de compreender o olhar infantil acerca da categoria Lugar.

Estabelecido a parceria com a escola Manoel Rolim e com a professora, criamos estratégias para solicitar os desenhos e como esses desenhos seriam coletados de forma segura para todos. Decidimos que iríamos pedir que o responsável de cada criança enviasse por meio de fotos o desenho feito pelas crianças.

Foram solicitados, através do WhatsApp, pela professora que as crianças desenhassem o lugar que mais gostavam em seu Bairro. Utilizando os materiais que elas tinham em casa e que utilizam nas atividades escolares. As crianças residem nos bairros de Jardim São Paulo e Barro. Elas desenharam, seus responsáveis tiraram a foto e enviaram para o grupo da sala e a professora nos encaminhou.

Pedimos que durante a produção dos desenhos as crianças, também escrevessem o nome do lugar no seu Bairro que elas estavam retratando por meio do desenho.

## **2. A CATEGORIA LUGAR PELO OLHAR DA CRIANÇA**

Afirmar que uma categoria de análise de uma ciência pode e deve ter a contribuição do olhar infantil não é algo corriqueiro e nem muito menos facilmente aceito no meio acadêmico. A ciência sempre foi um dos “brinquedos” favorito dos adultos humanos, e esta “brincadeira” sempre foi destinado a um tipo muito específico de humano (adulto, homem; branco; ocidental; com elevada escolaridade; pertencente a classe social dominante, entre outros atributos.). Nosso trabalho é mais um que desafia essa compreensão.

Apresentamos a seguir um pouco do caminho que a geografia tem trilhado para que o olhar infantil fosse considerado parte do olhar geográfico, fruto da realidade vivida e construída pelos seres humanos.

### **2.1 Geografia Humanista: O espaço só existe a partir do humano**

A geografia humanista é um esforço da geografia em considerar a perspectiva da experiência humana em seus estudos, surge na década de 1970 trazendo a filosofia do significado, sobretudo a fenomenologia e o existencialismo. Com duras críticas à geografia tradicional e seus limites metodológicos aprisionado ao positivismo e também ao marxismo com seu imperativo categórico reduzido ao econômico. Logo, a geografia humanista propõe ajudar a entender as relações entre o sujeito e o objeto, cujo processo de entendimento implica na singularidade da vivência do lugar, da paisagem e do próprio espaço.

Holzer (2008) afirma que, naquele momento, a geografia se voltaria ao estudo das vivências, que se ampliam do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens. Contudo, que as perspectivas escalares contemplem os fenômenos vividos e sejam relacionados com a capacidade de compreensão da realidade do que se vive.

Neste sentido, procurou-se uma aproximação na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal, conforme aponta Corrêa (1995). E ele prossegue indicando que neste campo de estudo, o lugar passa a ser o conceito chave

mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido.

Compreender e reconhecer a prática geográfica do outro, o seu espaço vivido, são traços basilares dessa análise, pois por meio do universo de simbolismo singulares dos lugares, percebe-se distintas leituras com pluriescalaridades. De acordo com Lopes (2013), ao mesmo tempo, permite levantar algumas questões: de que maneira ocorre a construção da percepção do ambiente que nos cerca? Quem, o quê ou quais fatores interferem e concorrem para essa percepção?

O espaço no domínio da geografia humanista caracterizando-se pela inserção da dimensão emotiva, subjetiva e de outras construções mentais na elaboração dos estudos geográficos, já nos ensinou Tuan (1979); e ainda, como uma resposta intelectual ao colapso das fronteiras acadêmicas, promovida por um trabalho crescente de flexibilidade teórica e empírica, rotulada de pós-moderna, nos lembra Cosgrove (1999).

Na abordagem humanística a experiência do indivíduo ou de um grupo social possui um lugar de destaque e é a partir dela que ocorrerá a relação com o espaço. Corrêa (1995) aponta que na análise do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo, um indivíduo, ou povo sobre o espaço a partir da experiência.

Caracteriza-se por uma atenção quase que exclusiva ao indivíduo, procurando oferecer novas abordagens de estudo sobre a variedade de percepção do mundo. Este novo olhar da geografia, enquanto uma ciência de complexos, busca assim, preservar uma multiplicidade de pontos de vista, afim de afastar a disciplina do simples, da rigidez e do doutrinário.

Claval (2008) nos lembra que nesta perspectiva, procura-se aproximar o estudo à realidade concreta, destacando que cada indivíduo detém uma maneira particular de perceber e sentir as coisas, de apreender e simbolizar os espaços. A experiência vivida adquire assim uma dimensão social.

O conceito de lugar, dentro dessa abordagem, passa a ter uma relevância grande neste período, torna-se um conceito chave, não somente na corrente humanista, como também dentro dos estudos da geografia da infância. Lopes (2013) indica que os trabalhos produzidos deste período procuram, então, entender o ser e o estar das crianças no espaço.

Concordamos com a concepção de Tuan (1983), onde Espaço e Lugar se conectam, a luz das ideias do autor, espaço se torna lugar na medida em que é vivenciado e valorizado, que tem sentido e significado para pessoa, lugar é mais concreto que espaço. “[...] quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. [...] o espaço pode ser o mítico, o pragmático e o abstrato” (TUAN, 1983, p.19).

Para Chiristofolletti (1982, p. 22) “[...] o lugar não é todo e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo”. Nesta abordagem existe uma predominância acerca da percepção que as pessoas têm do lugar, com importância aos olhares individuais e a ação de cada sujeito em relação aos valores de um dado local, ação essa que reflete no espaço.

Levando em consideração o que seria o conceito de lugar para Relph (1979) citado por Leite (1988), o lugar “[...] significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”. (RELPH, 1979 *apud* LEITE 1998, p.10).

Neste sentido pode se afirmar que o estudo do lugar deve levar em conta seu espaço físico, como também a questão da identidade que é construída com esse lugar, das experiências dos indivíduos a luz das subjetividades humanas. É papel da geografia estudar a relação do indivíduo com o lugar, com o espaço, reconhecendo o olhar e a vivência de todos, inclusive das crianças, bem como, a manifestação espacial destes fenômenos cuja interpretação revelam um conjunto de fatores que dão sentidos e significados aquele lugar.

### *2.1.1 Geografia da infância: o humano precisa entender seu começo*

A luz dos estudos realizados para essa pesquisa, reconhecemos que as crianças não são pré-pessoas, como também não são adultos. São crianças, pessoas plenas, diferentes dos Adultos. (NASCIMENTO, 2016). Que vivem seus espaços, suas dimensões, com toda rede simbólica que as envolvem, construindo trajetórias com registros que ficam impressos em sua memória.

As crianças são sujeitos plenos de direitos, portanto, exercem, desde então, como cidadão, guardadas a sua singularidade infantil, o que não as fazem cidadãos que ocupem a segunda categoria, ao contrário, como cidadão pleno dessa sua

condição infantil, não faz dele um sujeito sem voz (LOPES; VASCONCELOS, 2006). As crianças vivem em um espaço; elas têm apenas um mundo e não uma visão do mundo. Essa visão de mundo entendemos como uma vivência contextualizada no meio Social.

Para Claval (1999, p.15) as crianças “assimilam conhecimentos, atitudes e valores observando o que há a sua volta e imitando-os; as lições recebidas dos adultos destacam os símbolos dos quais são portadores os lugares”. Seguindo este pensamento a paisagem torna-se, assim, um dos matizes da Cultura (LOPES; VANCONCELOS, 2006).

Segundo Lopes (2010), na análise espacial precisamos ter uma amorosidade espacial com o outro, em que não podemos silenciar as espacialidades das crianças e suas infâncias, pois as crianças são também pessoas em atividades criadoras autorais e estão envolvidas com a criação do novo e não devem ser negadas em nome do que o autor chama de “adultocentrismo” ou um “egocentrismo adulto” (LOPES, 2010).

Com forte influência da abordagem humanística, a geografia da infância começa a incorporar conceitos e símbolos da análise espacial privilegiando o saber e o produzir das crianças. A antropologia também contribuiu para o início do estudo da geografia voltada para a espacialidade das crianças. Nascimento (2016), destaca o estudo da antropóloga estadunidense Margaret Mead que no início do século XX buscava desconstruir a ideia do comportamento infantil como algo biologicamente determinado.

Concluimos com Lopes (2013), que faz uma excelente síntese do ambiente político-científico de onde surge os estudos da Geografia da Infância.

Os estudos da Geografia da Infância emergem, dessa forma, com interfaces nesses postulados, por onde se entrecruzam outros recortes, como o de gênero, o de idade e condição econômica, perguntam-se como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes estratos sociais concebem, percebem e representam seus espaços. (LOPES, 2013, p.289)

## **2.2 As crianças são também seres histórico-cultural**

Ao se tratar de crianças produzindo e reproduzindo cultura e história no espaço, com possibilidades de se desenvolver a partir da vivência com o outro e com o meio,

compreendemos que para a construção do estudo desta relação precisávamos estar à luz dos pensamentos de Vigostsk (1994).

A teoria histórica-sócio-cultural tem como proposição que o ser humano é um ser ativo, social e histórico, e que imerso a esta realidade que se constrói a sua condição humana (Bock, Furtado, & Teixeira, 2001). As Crianças também estão dentro desta perspectiva histórico – cultural e suas práticas existenciais precisam ser levadas em consideração.

Para Bakhtin (1992), o homem apenas consegue sentir sua humanidade inserido num certo contexto social. Seguindo essa afirmação do autor o nascimento marca mais do que um nascimento no espaço-tempo do planeta, é também um nascimento histórico.

O estudo de Vygotsky marca o conceito de vivencia, trazendo uma reflexão no processo de humanização partindo das questões sociais e não biológica, como também na dimensão da questão do meio e o desenvolvimento da criança. Para o autor, era imprescindível compreender que o meio tinha relações incontestáveis em todo desenvolvimento da criança, inclusive no desenvolvimento psicológico, com rebatimentos na formação da personalidade da criança (NASCIMENTO, 2016).

Outros estudiosos da obra de Vygotsky afirmam este ponto com inequívoca certeza.

É neste sentido que a questão dos conceitos concretiza as concepções de Vygotsky sobre o processo de desenvolvimento: o indivíduo humano, dotado do aparato biológico que estabelece limites e possibilidades para seu funcionamento psicológico, interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização deste real dadas pela cultura. (OLIVEIRA, 1992, p.30)

Nesta concepção, a narrativa do outro também constitui uma relação de construção de espacialidade. “[...] a criança e seu desenvolvimento se modificam, modifica-se também a atitude do meio para com ela, esse mesmo meio começa a influenciar a mesma criança de uma nova maneira” (VIGOTSKI, 1994, p.61).

Dentro da perspectiva de Vygotsky, a imaginação constitui um elemento basilar para a construção do indivíduo, pois para o autor a mesma se faz a partir da “relação entre imaginação e realidade que consiste no fato de que toda obra da imaginação se constrói sempre de elementos tomados da realidade e presente na experiência anterior da pessoa” (VYGOTSKY, 1996, p.20).

Neste sentido podemos pensar que por meio da imaginação é que a criança constrói elementos e modifica seus próprios contextos e realidades, tendo em vista,

que a imaginação é o elemento primário a partir do qual as crianças vão desenvolver ou reprimir um universo criativo de particularidades e significados.

### *2.2.1 Os desenhos são formas legítimas de entender o lugar*

Existe uma relação histórica do desenho com a Geografia como assinalam alguns autores, entre eles Balchin (1978), por meio da tradição de esboços traçados no papel, esquemas gráficos de arranjos espaciais, dos croquis em observações de campo, como formato de estudo e registros das localizações, das paisagens e dos lugares.

Para Vigotski (1994, p14) “[...] o desenho é uma linguagem gráfica e que surge tendo base na linguagem verbal”. Neste sentido o desenho é uma forma de comunicar o que a criança sente.

Neste Sentido o desenho é explicado por Vygotsky (2007) como uma fase preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambas as mesmas origens de construção: a linguagem falada. Na fase que a escrita não oferece segurança para refletir o pensamento desejado, a criança utiliza o desenho como recurso mais eficiente para manifestar seu pensamento.

Sendo assim em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação atuará de uma maneira tal que respeite a escala de seu desenvolvimento (VYGOTSKY, 1996).

A criança vai chegando à adolescência e consequentemente dominando melhor a escrita, sua vontade ou mesmo necessidade de desenhar para expressar suas ideias, imaginação e conhecimento a respeito de algo começa a decrescer. (LIMA; CARVALHO, 2008).

Os desenhos construídos por crianças revelam linguagens que elas utilizam para se comunicarem com o outro, que pode conter imaginação e / ou realidade, visto que, a imaginação está diretamente atrelada ao processo de criação e se compõe como formação especificamente humana que se difere em crianças e adultos, justamente, porque os interesses de ambos são diferentes (VIGOTSKI, 2009).

Para o autor as crianças não desenham aquilo que veem, mas sim o que sabem a respeito dos objetos. Sendo assim, pode se afirmar que representam seus pensamentos, seus conhecimentos e / ou suas interpretações sobre uma dada situação vivida ou Imaginada. Do mesmo modo Ferreira (1998, p.104), apoiada na psicologia histórico-cultural, afirma que “(...) a criança desenha para significar seu pensamento, sua imaginação, seu conhecimento, criando um modo simbólico de objetivação de seu pensamento”. Para Ferreira & Silva (2004):

As impressões que as crianças têm da realidade experienciada não se amontoam, imóveis, em seu cérebro. Elas constituem processos móveis e transformadores, que possibilitam à criança agrupar os elementos que ela mesma selecionou e modificou e combina-los pela imaginação. O desenho que a criança desenvolve no contexto da escola é um produto de sua atividade mental e reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual”. (FERREIRA; SILVA, 2004, p.51)

Neste sentido os desenhos retratam a maneira que as crianças sentem e vivem a paisagem e o espaço no seu contexto social utilizando a sua imaginação e sua percepção do lugar.

Nessa perspectiva, a categoria lugar versa sobre a linguagem geográfica, exprimindo as lembranças afetivas e imaginárias em função da experiência e da apreensão subjetiva dos significados que representaram sua importância no universo infantil.

### **3 AS CRIANÇAS DO 2º ANO DA ESCOLA MANOEL ROLIM: UM OLHAR SÓCIO-ECONÔMICO FEITO POR NÓS, ADULTOS.**

A escola, como instituição social, pertence a categoria de instituições básicas, essenciais para socialização do indivíduo e sua consequente integração social. A escolarização é um processo obrigatório em nossa sociedade, entendido como direito inalienável protegido por lei.

Considerando estas questões optamos por traçar um perfil socioeconômico das crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim, a partir das informações fornecidas pela gestão escolar e pela professora da turma. Estas informações foram colhidas durante as entrevistas semiestruturadas.



### 3.1 Escola pública municipal do Recife Manoel Rolim.

A escola pública municipal Manoel Rolim (Figura 01) localizada na rua Pajussara nº 57, Bairro do Tejipio, no Município do Recife. Fundada em 1977 por Guimarde Rolim, nasce como escola comunitária e recebe o nome do pai do fundador por este ser um apaixonado pela educação. A escola chegou a ser desativada para que o prédio fosse utilizado como espaço de lazer na comunidade (casa de dança), depois como posto de saúde, para enfim voltar a ser escola, desta vez estadual, pelas mãos do governador Miguel Arraes<sup>2</sup> em seu segundo mandato (1987-1995). A unidade escolar foi municipalizada e hoje faz parte da rede pública municipal do Recife.

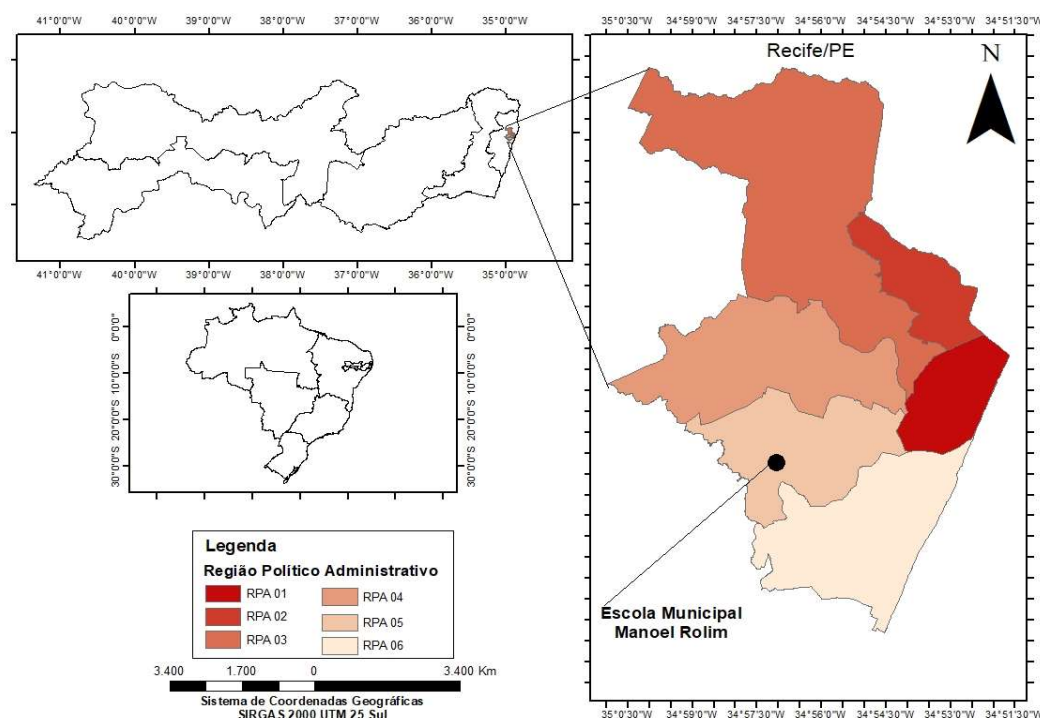
Atualmente a escola (Figura 02), tem uma sede e um prédio anexo (Figura 03). São 7 (sete) salas de aula, sendo 3(Três) salas de aula na sede e 4 (quatro) no anexo. Com 50,89m<sup>2</sup> (metros quadrados) e 54,89m<sup>2</sup> (metros quadrados) respectivamente. Não possui espaço físico para uma biblioteca, mas foi adaptado um cantinho de leitura que a gestora comenta que "é um espaço pequenino, mas cheio de amor".

*Figura 1. Mapa de Localização*

---

<sup>2</sup> Miguel Arraes de Alencar (1916-2005) foi um dos maiores líderes políticos da história do Brasil, secretário de estado, deputado estadual, deputado federal e governador do estado de Pernambuco em três ocasiões. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/pagina/miguel-arraes-de-alencar-1916-2005>. Acesso em: 15 out . 2020.

**Figura 2. Mapa de Localização**



Fonte: IBGE, adaptado pela autora (2020).

**Figura 3. Escola Manoel Rolim**



Fonte: Google Maps, 2020.

**Figura 4. Escola Munic. Manoel Rolim**



Fonte: Google Maps, 2020.

A escola não tem espaço para as crianças praticarem esportes, nem espaço para brincarem, não possui laboratório de ciências, nem tão pouco de Informática, como também não tem um lugar próprio para as crianças se alimentarem, fazendo com que as crianças usem a sala de aula como refeitório.

A escola funciona nos turnos da manhã, tarde e noite. Seu Projeto Político Pedagógico foi construído em 2016, e de acordo com a gestora “[...] *quando é necessário é revisado, reelaborado e reconstruído*”.

No quadro de funcionários a escola tem: 15 (quinze) professoras regentes, 8 (oito) professoras na função de técnica pedagógica e 3 (três) professores na função técnico administrativo.

Neste ano de 2020 estão matriculados 208 (duzentos e oito) estudantes, consistindo em 114 (cento e quatorze) na sede e 94 (noventa e quatro) no prédio anexo. A escola oferta duas etapas da educação básica: a educação infantil com 42 (quarenta e dois) alunos matriculados, e o ensino fundamental anos iniciais, com 114 (cento e quatorze) alunos matriculados. Ainda no ensino fundamental há também a modalidade de educação de Jovens e Adultos (EJA), onde a escola atende mais 26 (vinte e seis) estudantes.

### *3.1.1. Onde moram as crianças do 2º ano da Manoel Rolim: o social e o político que com elas moram.*

Os bairros que as crianças residem são: Tejipió, Barro, Sancho e Jardim São Paulo (Figura 2). Estes bairros integram a Região Político Administrativa V (RPA 5)<sup>3</sup>. Também compõem a zona especial de interesse social (ZEIS) áreas de assentamento habitacional de população de baixa renda com surgimentos espontâneos. Por outro lado, essa mesma região é historicamente alvo de forte especulação imobiliária que vem buscando atrair a classe média para esta região.

O avanço do setor imobiliário alterou novamente a fisionomia dos bairros de Tejipió e Sancho, entre os anos 2000 e 2010. Desta vez, por empreendimentos com tipologias diferentes das estabelecidas nas décadas de 1980 e 1990, destinados às famílias da classe média e classe média alta, com equipamentos de lazer e segurança. Destaca-se como pioneiro o condomínio Casa Solar Residence, construído em uma antiga chácara localizada na Avenida Dr. José Rufino, em Tejipió, em frente a vários equipamentos de educação pública. O sucesso de vendas do Casa Solar Residence impulsionou a construção de novos empreendimentos com características e destinação similares (Vila Jardim Condomínio Club, Torres da Liberdade, Edf. Maria Rodrigues etc). (LIMA et al, 2014, p. 39)

<sup>3</sup> Também compõem Região Política – Administrativa 5 os bairros: Afogados, Areias, Bongí, Caçote, Coqueiral, Curado, Estância, Juquiá, Mangueira, Mustardinha, San Martin, Sancho e Totó. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/sobre-rpa-5?op=NTI4Mg>. Acesso em: 18 out. 2020.

Este movimento imobiliário vem pressionando ainda mais as ocupações populares que tem visto cada vez mais reduzidos os poucos espaços de convivência e lazer nos bairros, presenciando o surgimento de verdadeiros “cinturões verticais de concreto”, onde antes existiam sítios e áreas verdes. O bairro onde localiza-se a escola, por exemplo, é um dos grandes alvos dessa interesses.

Desse modo, o processo de produção do espaço em Tejió também tem visto a experiência da mercantilização dos objetos naturais, tornando-a para fazer valer, pela alienação do espaço vivido, os interesses hegemônicos da lógica da racionalidade técnica instrumental do capitalismo neoliberal. (SOEIRO; CASTILHOS, 2015. p.222)

E continuam os autores revelando a forma mercadológica que a especulação imobiliária trata o espaço e a natureza.

Em Tejió, as formas-conteúdo – incluindo as representantes da natureza – inerentes à sua paisagem estão sendo utilizadas como elementos simbólicos visando, sobretudo, à concretização da expansão dos interesses hegemônicos. A natureza, então, é forjada pela retórica mercadológica do setor imobiliário no bairro, impondo novas reconfigurações e dinâmicas no seu espaço. (SOEIRO; CASTILHOS, 2015. p.228)

As residências das crianças do 2º ano do ensino fundamental da escola Manoel Rolim, por sua vez, são residências precárias, de poucos cômodos, espremidas entre os empreendimentos imobiliários da classe média e alguns equipamentos urbanos (estações integradas do metrô e ônibus; BR 101; pontes; trilhos). Muitas crianças relatam que sua residência é quente, pequenas e há famílias onde as casas não tem banheiro, necessitando haver compartilhamento de banheiros entre residências diferentes. Outro grande incômodo é o barulho do metrô, que acorda muitas famílias às 05 h do manhã.



A diversidade familiar entre os estudantes do 2º ano da Manoel Rolim é um fenômeno que já vem sendo notado na sociedade brasileira. No caso de nossos estudantes e suas famílias, relatos como separação dos pais; prisão do pai ou do irmão, ou até mesmo o abandono familiar são indutores desse fenômeno.

### 3.2.2 O contexto pandêmico, seus rebatimentos no cotidiano escolar e familiar

Neste momento tão delicado enfrentado por todos, devido a pandemia de COVID-19, com o distanciamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a escola adotou algumas medidas para estar mais próxima aos alunos como o uso do WhatsApp. De acordo com a gestora:

*“Estamos utilizando o WhatsApp para ter contato com as crianças, mas nem todas têm acesso a internet ou até mesmo tem um aparelho telefônico. Isso nos deixa muito triste e angustiadas, não chegar a todos, e sabemos que mesmo com todo esforço, o contato é muito ineficiente e inapropriado para estabelecer a relação ensino aprendizagem”.*

A escola precisou se reinventar para chegar às crianças o que se tornou um grande desafio, pois não conseguem chegar a todas as crianças devido a diferentes realidades sociais as quais estão inseridas.

As famílias e os estudantes, por sua vez, têm tido grandes dificuldades para acompanhar essas mudanças. Falta ou insuficiência de equipamentos adequados; falta de acesso à internet; dificuldades das famílias em acompanhar as atividades didáticas propostas pela escola; falta de habilidade para operar equipamentos; desmotivação e cansaço das crianças.

É importante ressaltar que, apesar da escola Manoel Rolim não ter uma boa infraestrutura física, os estudantes sentem falta de ir à escola, sentem falta de socializarem com seus colegas, sentem falta de brincarem no espaço escolar. E, apesar do grande esforço de professores e gestão, as aulas online não conseguem suprir tais dificuldades. O cansaço, aliás, atinge também a professora da turma que vive às voltas com o telefone celular; grupos de WhatsApp e acompanhamento individualizado das crianças e suas famílias.

### 3.3 O perfil socioeconômico das crianças do 2º ano do ensino fundamental

Ao lançarmos um olhar socioeconômico sobre as crianças do 2º ano da Manoel Rolim, buscamos refletir sobre a escola em que estudam; sobre os bairros e as condições em que moram. Buscamos ainda entender a renda familiar que garante o sustento destas crianças, a configuração familiar que os abrigam e educam. Não pudemos deixar de considerar ainda a terrível pandemia de COVID-19 e seus rebatimentos na educação e no cotidiano de crianças, familiares e profissionais da educação.

Traçar esse olhar é refletir sobre o contexto onde está inserido o “vim a ser criança”, em meio a tantas dificuldades, empecilhos e desafios. Consideramos que o contexto social onde está inserido estas crianças não é justo, correto nem adequado para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Embora haja “ilhas de esperança” representadas pela dedicação e amor de seus professores; da gestão da escola; de seus familiares e, especialmente, do seu próprio “ser criança”, o contexto social não é o que deveria ser.

Na constante busca de seu “vim a ser”, as crianças do 2º ano do ensino fundamental da Manoel Rolim desafiam o espaço urbano inóspito a brincadeira, e encontram formas alternativas de brincar, já que o brincar é também exercer a imaginação, assim como nos ensina Vygotsky

Assim, ao estabelecer critérios pra distinguir o brincar da criança de outras formas de atividade, concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária. Esta não é uma ideia nova, na mediada em que situações imaginárias no brinquedo sempre foram reconhecidas; no entanto, sempre foram vistas somente como um tipo de brincadeira. A situação imaginária não era considerada como uma característica definidora do brinquedo geral, mas era tratada como um atributo de subcategorias específicas do brinquedo. (VYGOTSKY, 2007, p. 109)

A pobreza e todas suas mazelas não podem impedir o vim a ser infantil, apenas torna-lo mais dramático. Compreendemos que as crianças do 2º ano do ensino fundamental do Manoel Rolim enfrentam a pobreza, a especulação imobiliária, a falta de estruturas básicas em sua escola e a total falta de prioridade de políticas públicas que as respeitem em sua dimensão infantil e cidadã com sua dimensão infantil, ou

seja, com a imaginação, a brincadeira, com a ocupação dos espaços urbanos através de suas expressões infantis.

#### 4. O DESENHOS DO LUGAR DAS CRIANÇAS DA MANOEL ROLIM: O LUGAR POR ELAS MESMO.

MARYANNA - Bairro Jardim São Paulo

8 anos

*“Eu desenhei a praça de Jardim São Paulo”*

**Figura 5: Desenho da Praça de Jardim São Paulo.  
Produzido por Maryanna.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 6: Praça de Jardim São Paulo.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

A praça é um ponto de sociabilidade entre os moradores do bairro de Jardim São Paulo, um espaço rodeado por árvores com equipamentos de lazer para adultos e crianças. Os Estudos de Lopes, Costa e Amorim (2016) se debruçam sobre estudos das crianças, suas infâncias, estudos que defendem as crianças como sujeitos ativos



e que também produzem espaços e vivem o lugar, por isso também são sujeitos de geografias.

Na entrevista<sup>4</sup> perguntamos a Maryanna porque ela desenhava<sup>5</sup> a praça de Jardim São Paulo e a resposta dela foi que gostava de ir à praça com seus pais e irmãos e era lá que eles brincavam na areia, brincavam no escorrega, nos balanços e no trepa – trepa. Perguntamos se ela estava no desenho. Ela disse que sim, ela e a irmã. Que ela estava no escorrega e a irmã no balanço.

Durante a Entrevista Maryanna revelou que sente falta de ir para a escola e de estar com seus amigos, assim como da professora. Esse foi o sentimento de todas as crianças entrevistadas neste estudo<sup>6</sup>.

No seu Desenho Maryanna representa os principais elementos do seu lugar preferido, elementos que seus olhos conseguem alcançar e efetivamente tem algum tipo de sentimento. Para TUAN (1983) todos os lugares são pequenos mundos: o sentido de mundo, entretanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares, depende em última análise, das emoções. A praça é um símbolo público que pode ser utilizado por todos, dentro do seu espaço, as crianças podem brincar ao ar livre, interagir com outras crianças, viverem suas infâncias de modo social.

Para Bastos (2014) a maneira como as crianças interpretam e compreendem suas vivências, em seu cotidiano, passa por sua condição geográfica. É nesta praça que Maryanna vive sua infância e apresentam seu protagonismo geográfico, através das brincadeiras, aventuras imaginadas ou reais na interface do seu mundo infantil e do mundo adulto.

---

<sup>4</sup> Entrevista via ligação telefônica, as crianças estavam acompanhadas por um responsável, queríamos ouvir as crianças acerca de seus desenhos. Como elas não nos conheciam, de modo geral, ficaram tímidas e algumas vezes seus responsáveis precisaram intermediar a entrevista.

<sup>5</sup> Desenhos produzidos no espaço de suas casas e enviados via WhatsApp para a professora que intermediou a chegada em nossas mãos.

<sup>6</sup> E ficamos com algumas perguntas, por enquanto, sem respostas: de como essas crianças irão retomar ao espaço escolar ao espaço escolar? Quais os impactos desse afastamento para elas e para o seu desenvolvimento?

Desenho 2: Jardim São Paulo

DAYVSON - 8 anos

*“Eu desenhei a Igreja que frequento”*

**Figura 7: Desenho da Igreja Assembleia em azulão.  
Produzido por Dayvison.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 8: Imagem da Igreja Assembleia de Deus.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

A Igreja como um espaço de encontro, de construção de amizades, onde pode desenvolver novos valores, compartilhar uma fé, ter novos aprendizados, contato com instrumentos musicais e para muitos é o lugar onde pela primeira vez tem a oportunidade de aprender algum tipo de arte (geralmente a música).

As igrejas, em nossas periferias, veem exercendo uma importante função social, muitas vezes suprimindo parte do vácuo social deixado por governos omissos no campo da educação, cultura e lazer.

Na entrevista, perguntamos qual seria a igreja desenhada por ele, a resposta foi que é a Assembleia de Deus em Azulão, que fica no bairro de Jardim São Paulo e que ele vai sempre nos finais de semana acompanhado de sua avó. Perguntamos o motivo que ele desenhou a igreja como o lugar preferido no Bairro de Jardim São

Paulo, e ele respondeu que gosta de frequentar a igreja porque sempre encontra com outras crianças e gosta de brincar com elas e escutar a palavra do pastor. Perguntamos também por que ele não desenhou a si mesmo com outras crianças, e ele não respondeu.

Para Vigotski (2010) a vivência de uma criança só pode ser analisada na unidade criança/meio, dialeticamente, criança e meio se relacionando, sem dissociação de elementos.

A igreja para Dayvson é um lugar singular, carregado de sentimentos, significados e foi retratado em seu desenho, ressaltando o que a geografia da infância vem desbravando em seus estudos, que as crianças também tem memória espacial e, portanto, merecem serem incluídas nas análises espaciais geográficas (LOPES, 2013).

Desenho 3: Jardim São Paulo

SAMUEL - 7 anos.

*“Eu desenhei a rua que moro”*

**Figura 9: Desenho da Rua Brejolândia. Produzido por Samuel.**

**Figura 10: Rua Brejolândia.**



Fonte: A autora, 2020.

Fonte: Google Mapas, 2020.

A rua é entendida, neste estudo, como um espaço de expressões do simbólico, do vivido. E é na rua que se pode ter diferentes vivências, especialmente as crianças que podem viver suas infâncias em um espaço livre que proporcione boas brincadeiras.

Neste contexto Samuel desenhou a rua Brejolândia localizada no bairro de Jardim São Paulo.

Na entrevista perguntamos qual era a rua que ele desenhou, se de fato era a rua que ele morava, ele confirmou. Perguntamos qual era o nome da rua e ele não respondeu, depois a professora explicou que era a rua Brejolândia.

Acreditamos que o formato de entrevista adotado para o momento, influencie para a timidez das crianças. Também perguntamos por que a rua Brejolândia é o lugar preferido no bairro de Jardim São Paulo. Ele respondeu que a rua era bem ventilada e a casa que ele morava bem quente, então ele gostava de ficar muito na rua. Perguntei se ele brincava na rua com outras crianças ele respondeu que sim.

No desenho da rua Brejolândia feito por Samuel ele não desenha crianças brincando, ele preferiu colocar as casas e uma árvore, além do sol radiante. Talvez essa seja a interpretação, relevante e importante para Samuel, da condição de sua casa ser quente e ter a rua como lugar preferido.

A geografia da infância como apresenta Lopes e Vasconcelos (2006):

Tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais, cultural, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstroem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias. (VASCONCELOS; LOPES, 2006 p.122)

A percepção de Samuel do seu lugar em todas as suas dimensões, com toda a rede simbólica que o envolve, o seu entorno e seu processo de interação com ele foram retratados em no seu desenho do lugar. Neste desenho não apenas as presenças, mas também as ausências explicam a importância desse lugar. Se a casa é quente e desconfortável a rua é um mundo de possibilidades, é um espaço a ser admirado e vivido.

Desenho 4: Bairro do Barro

GABRIEL- 8 anos

*“Eu desenhei o Supermercado “*

**Figura 11: Desenho do Supermercado Floresta.  
Produzido por Gabriel.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 12: Supermercado Floresta.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

O lugar dentro da perspectiva humanista e como categoria de análise espacial é considerado como centro gerador de significados geográficos, em constante relação com o espaço abstrato, entendido aqui por abstrato tudo aquilo que se é vivido, que ocorrem sentimentos e desperta sentidos e emoções.

Na entrevista perguntamos se ele sabia o nome do supermercado que ele tinha desenhado. Gabriel respondeu que sim e que ficava a 2 km da casa dele, é o supermercado Floresta. Localizado no Bairro do Barro<sup>7</sup>, Gabriel é a única criança participante de nosso estudo que reside neste bairro.

Para Halley (2014) a luz da geografia Humanista:

O bairro é entendido como um lugar de vivência íntima, demarcando e consagrando afetivamente por seus moradores em profundas e duradoras relações de familiaridades, vizinhanças e compadrio. É ainda evocado como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica (HALLEY, 2014, p.585).

<sup>7</sup> O Barro integra a RPA 5 com Área territorial de 454 hectare<sup>2</sup> e com população de 31.847 habitante dados do Censo demográfico de 2010.

Perguntamos por que ele tinha escolhido o supermercado Floresta como lugar preferido do bairro, e disse que lá era muito legal, tinha um tapete bem grande escrito bem-vindos e que tinham várias caixas. Perguntamos também se ele tinha algum parente ou vizinho que trabalhava no supermercado, a mãe que estava o acompanhando prontamente respondeu que não. Samuel costumava ir a este supermercado quase sempre acompanhado por ela ou por uma tia, neste momento Samuel fala que lá no Floresta tinha várias coisas nas prateleiras, e ele gostava de sentir o cheiro de lá.

No olhar de Samuel seu lugar preferido no bairro tem cores, cheiro, formas, habitam de maneira viva sua memória espacial e mostra como ele utiliza da emoção e afetividade para desenhar o seu lugar.

Segundo Vygotsky (2007) a criança tem participação ativa na cultura, tornando próprio dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros. Oliveira (1992a), inclusive aponta a visão holística de Vygotsky quando o assunto é emoção e cognição.

Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. (OLIVEIRA, 1992a, p. 76)



Desenho 5: Praça de Jardim São Paulo

ISA - 7 anos

*“Eu desenhei a praça de Jardim São Paulo”*

**Figura 13: Desenho da Praça de Jardim São Paulo feito por Isa.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 14: Praça de Jardim São Paulo.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

A importância da praça pública para as crianças é novamente representada, ressaltando praças como espaços para saúde física e mental por meio do lazer. Tais espaços demonstram como o convívio e as relações estabelecidas nesses locais é um exercício de cidadania para os pequenos.

Foi perguntado a Isa o por que ela escolheu a praça de Jardim São Paulo e ela respondeu que por gosta de ir brincar com os irmãos na praça e sempre que vai faz amizades e brinca também com outras crianças. Que a Praça é muito bonita e tem árvores bem grandes e ela gosta de ficar olhando, além dos muitos pássaros que ficavam voando no céu. Perguntamos quem acompanha ela para ir à praça, ela afirmou que vai com a mãe e os irmãos que são menores. Perguntamos ainda porque

ela não tinha desenhado ela e seus irmãos brincando? Ela respondeu algo que não foi possível identificar devido a conexão da internet<sup>8</sup>.

A praça aparece como o desenho do lugar na visão de duas crianças e são desenhos que acabam se interligando, pois tanto Maryanne quanto Isa têm a praça como um lugar que elas podem viver suas infâncias entre suas brincadeiras, praticando suas próprias geografias. Evidenciando que o lugar carrega um olhar subjetivo e singular para todos, inclusive para as crianças.

A busca de compreender quais lugares ocupados nesse processo de interação da criança com os demais sujeitos de seu entorno, da forma de construção da sua subjetividade, como também a sua identidade individual vem ganhando forças dentro dos estudos da geografia dedicada ao olhar da criança.

---

<sup>8</sup> Só foi possível realizar a entrevista com Isa com ligação via whatsapp e no dia que marcamos a conexão estava oscilando bastante.

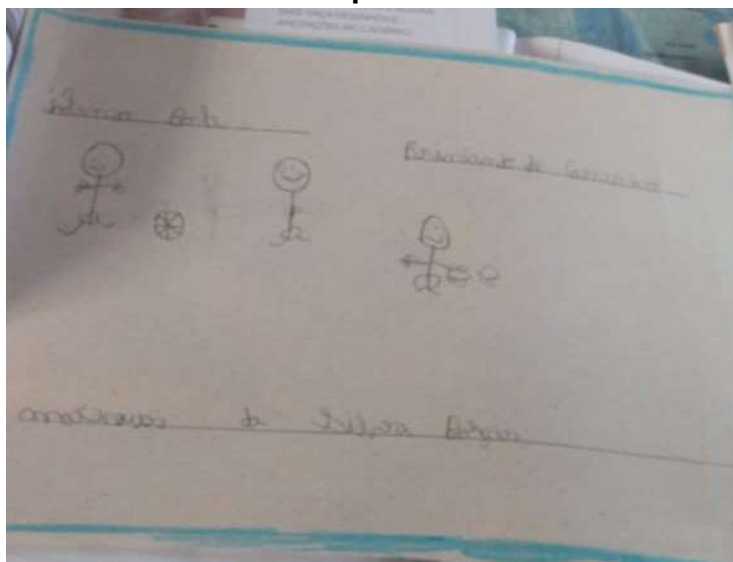


Desenho 6: Jardim São Paulo

MATHEUS – 8 anos

*“Eu desenhei a rua que moro jogando bola com meus amigos “*

**Figura 15: Desenho da rua Manoel Inácio.  
Produzido por Matheus.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 16: Imagem da Rua Manoel Inácio.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

Neste desenho, mais uma vez, a rua como o lugar em que traduz os vínculos afetivos estabelecidos com as relações em escalas mais detalhadas. O mundo da criança impresso na sua rua, nos seus significados e nos seus sentimentos vivenciado diariamente. Por isso que Tuan (1983), diz que o lugar é, sobretudo, o significado que as pessoas lhe dão por meio das relações construídas e estabelecidas.

Na entrevista perguntamos se Matheus sabia o nome da rua que mora. Ele respondeu que sim, que chama-se rua Manoel Inácio, e que fica localizado no Bairro de Jardim São Paulo. Perguntamos ainda quem eram as crianças que estavam no desenhado? Ele respondeu que estavam ele e seus amigos. Perguntamos se seus amigos moravam na mesma rua. Ele respondeu que sim, que eram seus vizinhos. Pedimos para ele explicar o que estavam fazendo na rua. Ele disse que estavam brincando do que ele mais gosta, de jogar bola e brincar com carrinhos. E falou que a rua é muito boa para jogar bola, já que não passa carro. Observamos que a rua é uma rua paralela à rua Manoel Inácio, e que de fato, parece bem tranquila em relação a movimentação de carros.

Percebemos a ocupação do espaço pela criança, a importância dessa apropriação para a própria vivência infantil. Um espaço que não foi planejado para as crianças, mas que foi apropriado pelas crianças dentro de suas possibilidades de uso e de vivência desse “ser criança”.

Desenho 7: Jardim São Paulo

BRUNA LETÍCIA – 8 anos

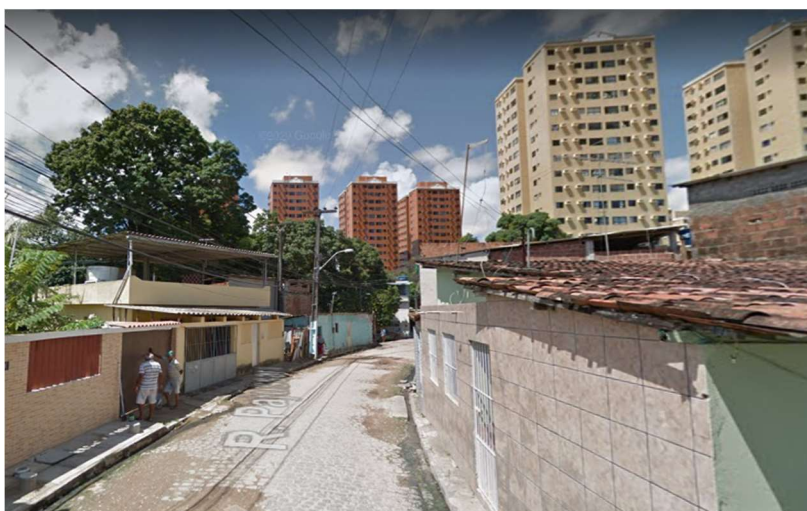
*“Eu desenhei a rua que moro”*

**Figura 17: Desenho da Rua Pajussara feito por Bruna Letícia.**



Fonte: A autora, 2020.

**Figura 18: Rua Pajussara.**



Fonte: Google Mapas, 2020.

A rua também é eleita por Bruna como seu lugar. Mais uma vez a geografia, por meio das categorias geográficas, estabelece leituras e traduz o comportamento social e seus significados espaciais. Demonstrando que as crianças são protagonistas de suas vivências, sendo possível, apreender o seu ponto de vista e suas percepções por meio da experiência vivida e da forma como ocorre a apropriação dos seus sentimentos em relação ao espaço geográfico.

Perguntamos, durante a entrevista, se Bruna saberia informar o nome da rua que reside. Ela logo respondeu que é a rua Pajussara, a rua onde também fica

localizada a escola Manoel Rolim. Perguntamos se essa era a casa que ela morava. Ela animada explicou que sim, que a casa dela ficava no meio de dois grandes postes de energia elétrica, e pintada com a cor rosa. Perguntamos ainda se ela também estava no desenho. Ela respondeu que sim, que estava na rua andando de bicicleta, enquanto a amiga estava esperando a vez de ir andar também.

No desenho produzido por Bruna ela traz também os blocos de apartamentos que circundam a rua Pajussara. O Bairro de Jardim São Paulo<sup>9</sup> tem muitos desses arranha-céus em vários blocos de apartamento. Perguntamos se na rua passavam muitos carros. Ela disse que só as vezes.

A apropriação infantil do espaço geográfico é um movimento de resistência, de uso e vivência desse espaço. É o que tem revelado a geografia da infância. O lugar pelo olhar infantil é o lugar da vivência, da brincadeira, do ser criança nesse espaço.

Toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar. Ou seja, existe na produção das culturas infantis uma ancoragem territorial que não apenas emoldura o contexto no qual se edifica a infância, mas, para além disso, oferece o próprio substrato material a produção da existência. (LOPES; VASCONCELOS, 2006, p.110)

As crianças, são históricos–culturais como defendia Vygotsky, e são ao mesmo tempo, seres geográficos em numa dialética com o lugar. Bruna gosta de estar na rua, esse estar na rua é movimento que envolve a casa com a qual demonstra afeto, que envolve brincadeira com outras crianças, que envolve o ser criança em suas expressões infantis neste espaço geográfico.

As crianças por elas mesmas são crianças no desenho, na brincadeira, no aprender e no ensinar. São crianças que se apropriam do espaço, que buscam territorializar esses espaços com suas brincadeiras, com sua ocupação, com seu uso. São crianças que sentem o espaço, que necessita destes espaços e que atribui significados a esses espaços transformando-os em lugar.

---

<sup>9</sup> Na década de 90 iniciou o processo de verticalização do bairro de Jardim São Paulo como mostra o trabalho de pesquisa do PIBID- história / UFPE. Disponível em: <https://historiajsprecife.wixsite.com/jsprecife/blank-c1rzss>. Acesso em: 15 nov. 2020.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia da infância é uma área de pesquisa legítima e necessária ao avanço do conhecimento geográfico. O espaço não será devidamente compreendido se ignorar o olhar infantil.

As crianças, no processo de representar no papel o lugar preferido, expressaram suas vivências nestes espaços. A praça, a rua, a igreja e o supermercado são lugares onde o “ser criança” ocorre dentro dos limites e possibilidades de cada espaço. São, inequivocamente, espaços vividos, lugares que tomam forma a partir do afeto infantil traduzido pelo ato de brincar e de desenhar seu espaço preferido.

As crianças exprimiram suas relações com o espaço geográfico através da vivência infantil com estes espaços. Esse fenômeno demonstra que as crianças são sujeitas ativas e que exercem a espacialidade de acordo com sua leitura de mundo, evidenciando sua afetividade, sua preferência e o significado de cada porção espacial.

Foi observado também a construção de uma identidade cultural a partir de suas vivências, em que as crianças representaram seus desenhos, ou seja, suas memórias acerca dos lugares com maior representatividade para elas.

A geografia da infância nos acena que as crianças, na condição dialética que produz e é produzida em seu meio, possibilitam construir uma nova forma de enxergar o espaço geográfico, abarcando também o olhar infantil.

As crianças vivem sua realidade através de seu protagonismo infantil, com suas brincadeiras, seus pedidos, suas necessidades e seu agir no mundo que se materializa nas praças, nas ruas em que moram, nas igrejas ou até mesmo nos supermercados.

Que as crianças sejam reconhecidas em sua condição plural que abarca, inclusive, sua condição geográfica.

## 6 NOTA DE CAMPO

Decidimos escrever essa nota, por que nesta pesquisa não conseguimos ir a campo, algo fundamental para profissão do Geógrafo. Vidal de La Blache, por exemplo, sempre enfatizou a importância de os trabalhos geográficos serem realizados, principalmente, pela observação direta da realidade, a necessidade das excursões geográficas como trabalhos pedagógicos, ou seja, a escola ao ar livre deve guiar o espírito geográfico (MORAES, 1987, p.75).

Ainda dentro desta realidade atípica que vem sendo esse ano de 2020, todo o processo desde estudo de caso ocorreu a distância permeados por comunicação via internet ou ligações telefônicas. E foi necessário, devido à crise sanitária que o mundo está passando. Precisamos ao máximo evitar contatos com outras pessoas para evitar a transmissão desse novo vírus que tem alto poder de transmissão e que não tem uma medicação eficaz para amenizar seus sintomas graves.

Em Pernambuco são 197.063 <sup>10</sup> casos confirmados da doença, 171.535 recuperados e 9.244 mortes. No município que realizamos a pesquisa, segundo o boletim de saúde emitido pela secretaria de saúde do estado de Pernambuco, Recife registrou no mês de novembro 43856 de casos confirmados sendo desde total 9494 casos considerados graves e 34362 casos leves.

Diante desses números assustadores precisávamos adotar uma postura de cuidado e segurança com nossas vidas e com as vidas de todos os envolvidos com o estudo. Seguimos com o que nos era possível, para o momento, e uma mandala de energia vibrante e de esforços foram criadas para que a pesquisa conseguisse ser finalizada.

Os agradecimentos foram feitos logo no início deste trabalho aproveitamos a energia da gratidão para agradecer a todos. Morin (2005), p.83. Comenta que:

“[...] não esqueça que a realidade é mutante, não esqueça que o novo pode surgir e, de todo modo, vai surgir”

Seguimos nesta certeza que tudo que estamos vivendo é mutante e que estamos mais próximos de voltar para o nosso laboratório, que no caso da geografia é o mundo.

---

<sup>10</sup> Dados disponíveis em <https://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2020.

## 7 REFERENCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEZERRA, Nielson da Silva; OLIVEIRA, Alice Martins da Silva Soares; ARAUJO, Marlla Fabíola. A Espacialização do Letramento e os Números do Lugar: contribuições da Geografia para a Educação Infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Caravana** - Diálogos entre Extensão e Sociedade V.4 Nº 2, p.66-75, ano 2019. Disponível em: <http://caravana.ifpe.edu.br/index.php/caravana/article/view/477/pdf>. Acesso em : 08 out.2020

BASTOS, Lilian Francieli Moraes de. **A participação infantil no cotidiano da escola: crianças com voz e vez**. Dissertação de Mestrado do Programa de pós graduação em Educação. Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6262/lilian.pdf?sequence=1> Acesso em : 08 mar.2020.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CLAVAL, P. Uma, ou algumas abordagens(ns) cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. (Org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. p. 13-29. Salvador: Edufba, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC., Balchin, 1999.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 17-46.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª edição, Porto Alegre: Artemed, 2010.

FERREIRA, L.F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n.9, p.65-83, 2000. Disponível em [http://www.laget.eco.br/pdf/09\\_5\\_ferreira.pdf](http://www.laget.eco.br/pdf/09_5_ferreira.pdf) Acesso em :10 mai 2019.

FERREIRA, S. & SILVA, S.M.C. Faz o chão pra ela não ficar voando: o desenho na sala de aula, In: Ferreira, S. (org), **O ensino das Artes: construindo caminhos** (p. 139-179) 3ª edição, Porto Alegre: Papyrus, 2004.

FERREIRA, S. **Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança** Campinas: Papyrus, 1998.

LIMA, M. C. Barbosa; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**. Espanha, v. 7, n. 2, p. 337-348, 2008. Disponível em: < [http://saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen7/ART4\\_Vol7\\_N2.pdf](http://saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf) >. Acesso em: 30 janeiro.2020.

LIMA, Deyglis.et al. Bordas urbanas: análise da produção e apropriação dos espaços periurbanos da cidade do Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional** G&DR. v. 10, n. 4, p. 26-45, set-dez/, Taubaté, SP, Brasil. 2014. Disponível em <https://www.rbqdr.net/revista/index.php/rbqdr/article/view/1531/409> Acesso em: 15 dez. 2020.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, nº. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915/716>. Acesso em: 01 Dez.2020.

LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo; AMORIM, Cassiano Caon. MAPAS VIVENCIAIS: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan./jun., 2016. Disponível em <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/381/189> Acesso em: 13 jul.2020.

MORIN. Edgar. **A vida para o futuro da humanidade**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2013.

NASCIMENTO, Carla Cristina Nunes. **Geografia da infância e Bairro-Vivencia das Crianças Moradoras do Bairro Dom Bosco em juiz de Fora/MG, na Aurora do Século XXI**. Tese em Geografia Humana apresentado ao Programa de pós graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl. O problema da Afetividade em Vygotsky. In LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992a.



SANDÍN, Maria Paz Esteban. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre, AMGH editora Ltda, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Ed.3 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo: Editora da USP, 2004.

SOEIRO, Ítalo César de Moura; CASTILHOS, Cláudio Jorge Moura de. O Caráter Ideológico da Natureza e o Processo de Produção do Espaço em Tejiipió/Recife. **Revista Brasileira de Geografia Física** V. 08 N. 01. p. 221-235 2015. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/viewFile/233594/27188> Acesso em 19 dez. 2020.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **La imaginación y el arte em la infância**. Madri: Akal, 1996.

VASCONCELLOS, Tânia de. LOPES. Jader Jane. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem fronteiras**, v.6, n1, pp103-127, jan/jun 2006. Disponível em <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf> Acesso em: 03 fev. 2020.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: uma revisão**. Espaço e cultura, EURJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.